

A ABORDAGEM DO TEMA EDUCAÇÃO SEXUAL EM SALA DE AULA: JUNTOS OU SEPARADOS?

Claudinei José Martini¹

RESUMO

Este estudo partiu do fato que a escola é o ambiente onde todas as características sociais se refletem, portanto, requer uma discussão de alguns aspectos relacionados com a prática pedagógica do professor em sala de aula, especialmente na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DST) e da sexualidade. Procedeu-se uma pesquisa em uma Escola Estadual localizada na cidade de Rio Claro – SP servindo como avaliação para a disciplina de Estágio Supervisionado em Ciências I. Na atividade ocorrida durante o estágio foi realizada a separação dos gêneros para abordar doenças sexualmente transmissíveis, envolvendo além da sexualidade, também a reprodução humana. Por fim, houve uma entrevista com a professora de Ciências sobre o porquê da separação entre os sexos em diferentes salas. Seguindo alguns caminhos nessa investigação, a análise da resposta foi baseada na teoria de Análise de Conteúdo de Bardin (1977). Na conclusão do trabalho ocorreu uma análise dos objetivos alcançados que vai ao encontro das necessidades da unidade escolar de forma a expandir e diversificar a abordagem a esta questão.

Palavras-chave: Educação Sexual. CTSA. Análise de Conteúdo.

ABSTRACT

This study was the fact that the school is the environment where all the social characteristics are reflected therefore requires a discussion of some aspects related to the teacher's pedagogic practice in the classroom, especially in the prevention of sexually transmitted diseases (STDs) and sexuality. We proceeded to a search in a state school in the city of Rio Claro - SP serving as feedback for the discipline of Supervised Internship in Science I. The activity occurred during the internship was carried out the separation of genres to address sexually transmitted diseases, involving well sexuality also human reproduction. Finally, there was an interview with the science teacher about why the separation of the sexes in different rooms. Following some ways this research, analysis of response was based on the theory Bardin Content Analysis (1977). On completion of the work was an analysis of the achieved goals that meets the needs of the school unit in order to expand and diversify the approach to this issue.

Keywords: Sexual education. CTSA. Content analysis.

¹ Especialista em Ensino de Ciências pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR; Especialista em Administração Geral pela Universidade Paulista – UNIP; Graduado em Logística pela Faculdade CBTA de Rio Claro; Licenciando em Física pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Professor Esp. da rede estadual de educação do Estado de São Paulo. E-mail: neimartini@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

A escola é o ambiente onde todas as características sociais se refletem, ela deve sempre estar adequada ao meio em que se insere para preparar os alunos com o conhecimento que será importante para os processos sociais dos mesmos. Assim, devemos refletir sobre todos os componentes que se inserem no cotidiano escolar e na vida social dos estudantes, especificamente quando a sexualidade e o gênero ganham um evidente destaque na sociedade contemporânea. Entretanto, a sexualidade e o gênero apresentam-se na escola, mesmo não sendo trabalhadas dentro de um campo no currículo oficial por meio de uma área do conhecimento ou de programas e projetos voltados à educação sexual, mas é inegável que este assunto deva ser abordado de maneira aberta, com uma relação de confiança entre professor e aluno e sem tabus.

Muitas pessoas associam sexualidade como sinônimo de relação sexual. Por conta desta confusão muitos tabus e preconceitos giram em torno desse tema, contribuindo para a falta de diálogo e tornando os jovens vulneráveis a diversas situações de risco. Os obstáculos para tratar do tema ainda existem. Muitos pais tem dificuldade de manter um diálogo com seus filhos e alguns professores não se sentem confortáveis para abordar o tema, contribuindo para reforçar tabus e preconceitos. Até mesmo quando a escola não fala sobre o assunto, a sexualidade e o gênero estão presentes, por meio das regras e normas de conduta, dos valores, dos códigos, dos padrões, dos silenciamentos, das proibições. O não reconhecimento desses jovens e adolescentes, socialmente, como pessoas sexuadas, livres e autônomas, contribui para que sejam submetidos a situações de vulnerabilidade.

Neste sentido, o objetivo deste artigo é fazer uma reflexão de alguns aspectos em relação à prática pedagógica do professor em sala de aula sobre o tema da informação à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DST's) e sexualidade, confrontando a teoria com dados obtidos através da análise de conteúdo de observações em sala de aula e entrevista realizada com a professora da disciplina de Ciências de uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental de uma Escola Estadual localizada no município de Rio Claro – SP, durante o estágio de observação da disciplina de Estágio em Ciências I. Desta forma, a observação de classes é uma prática necessária ao processo de formação de professores, no sentido de que as análises críticas servirão de dados para uma posterior reformulação didática de práticas de sala de aula.

A proposta partiu de um questionamento pessoal em relação ao modo como a professora conduziu o tema, separando os gêneros em salas diferentes em que, as meninas

permaneceram com a professora em uma sala e os meninos com o professor estagiário em outra sala e, além disso, este trabalho defende metodologias que estejam vinculadas às ideias do movimento CTSA como meio de desenvolver um aluno crítico e preparado para entender todos os processos que a globalização exige.

DISCUSSÃO TEÓRICA

Desde o início da vida na Terra, os seres vivos em geral sempre necessitaram de outro ser semelhante para socializar e também se perpetuar como espécie, caracterizando assim sua evolução através dos tempos. Com o ser humano não foi diferente, existem, porém, características afetivas que contribuíram para nossa construção social e cultural e acabaram por influenciar nossos relacionamentos, inclusive íntimos, que é a questão da sexualidade. Mas afinal o que é a sexualidade? Nos Parâmetros Curriculares Nacionais:

[...] busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa no ser humano, do nascimento até a morte. Relaciona-se com o direito ao prazer e ao exercício da sexualidade com responsabilidade. Engloba as relações de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro e à diversidade de crenças, valores e expressões culturais existentes numa sociedade democrática e pluralista. Inclui a importância da prevenção das doenças sexualmente transmissíveis/AIDS e da gravidez indesejada na adolescência, entre outras questões polêmicas. Pretende contribuir para a superação de tabus e preconceitos ainda arraigados no contexto sociocultural brasileiro (BRASIL, 1998, p.287).

A sexualidade constitui-se, portanto, como algo importante na vida de uma pessoa e se faz presente em todas as fases do desenvolvimento que o ser humano atravessa, não apenas limitando-se ao prazer físico, mas também a emoções e sentimentos, em especial à adolescência, caracterizado por um processo psicológico carregado por medos, dúvidas e de transformações corporais onde o adolescente terá que lidar com sua nova imagem. Também é natural sua curiosidade e a descoberta, na qual sua energia sexual passa a ser direcionada para um objeto de desejo – o outro.

Ao iniciar sua vida sexual ativa o adolescente deve estar maduro psicologicamente, a fim de que seja responsável na prevenção de doenças. Apesar de todas as mudanças ocorridas nos últimos tempos em nossa sociedade, ainda existem certos tabus e preconceitos ao se falar em sexo e todo o universo envolvendo o assunto. De acordo com essas ideias:

O exercício da sexualidade se processa por meio de possibilidades, e se realiza dentro de um marco cultural delimitado por preconceitos e rituais. Dessa maneira, as trajetórias de vida são marcadas por exigências quanto à *performance* e às afirmações sobre o eu no

mundo, caracterizando-se, entre outras dimensões da sexualidade, por tênues fronteiras entre a intimidade, formas de ser, padrões socioculturais e por ditames da sociedade de consumo (CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004, p.68).

Neste sentido, a adolescência e o sexo, carregado por tabus influenciados pela sociedade e seus aspectos socioculturais, reflete-se tanto dentro das famílias e principalmente na escola, na qual:

Essas transformações culturais e morais acarretaram inúmeros problemas sociais novos ou agravaram outros já existentes como: prostituição, aborto, homossexualidade, desajustes conjugais, divórcio e outros. Com isso, a “célula” da sociedade que é a família sofreu sérios abalos [...] (CANO et al, 2000, p. 18).

Estas transformações vividas pela sociedade por um lado de modo preconceituoso e por outro de maneira controversa, trazem para a escola uma ampla possibilidade para que estas situações enfrentadas pelos adolescentes sejam discutidas de maneira que:

O diálogo é a ferramenta básica no processo de educar para a sexualidade. Há crianças e adolescentes que perguntam muito, outras nada interrogam e outras, ainda, precisam de um ambiente encorajador para levantar questões (MOIZÉS; BUENO, 2010, p.206).

Para Paulo Freire (2003), o diálogo é o compromisso profundo de amor com os homens e a vida, sendo este amor um ato de coragem em pronunciar a liberdade aos oprimidos, não como manipulação e sim, gerador de outros atos de liberdade. Entretanto, Freire também expõe as diversas dificuldades de diálogos entre as pessoas, caracterizados pela falta de humildade, a inexistência da fé nos homens que gera insegurança, medo de superação e várias outras, pois, se não existe amor verdadeiro para com o outro, não existe humildade, não existe fé e muito menos confiança no diálogo, portanto, não há comunicação e não há educação.

Ainda segundo Paulo Freire (2003), para o educador humanista o diálogo ocorre com os saberes compartilhados, problematizados, onde o conteúdo programático é mediatizado pelo professor em uma relação de A com B, ou seja, o aluno passa a ser o sujeito da ação concreta, transformado(r) na realidade com outros homens, por meio de uma educação dialógica.

Este ambiente encorajador é a escola, porém, o professor precisa estar preparado e sentir-se confortável para uma gama de perguntas que esses jovens irão fazer, mas na realidade não é bem assim. Muitos professores ainda sentem-se desconfortáveis em trabalhar a temática em sala de aula, seja por motivos religiosos, de gêneros ou mesmo de falta de formação específica para tal tarefa, sendo assim:

O professor não precisa ser um especialista em Educação Sexual, mas apenas um profissional devidamente informado sobre a sexualidade humana que reflita sobre ela, sendo capaz de criar contextos pedagógicos adequados e selecionar estratégias de

informação, de reflexão e de debate de ideias [...], tornando-se mediador do conhecimento (MOIZÉS; BUENO, 2010, p. 207).

É importante salientar a importância da formação docente em nível superior para que as lacunas existentes sobre Educação Sexual sejam discutidas e que apontem caminhos para que diante da necessidade de assuntos relacionados à sexualidade:

Tanto nas escolas de ensino médio (modalidade normal), quanto nos cursos de formação docente em nível universitário, raramente se têm a oportunidade de discutir a respeito dessas questões, uma vez que os currículos ainda não contemplam de forma abrangente tais temáticas. Dificilmente são oferecidas disciplinas que se dedicam especificamente aos assuntos, muitas vezes sendo este trabalho de forma tangencial (FELIPE e GUIZZO, 2004, p. 38).

Sendo assim, os temas transversais descritos nos PCN's no qual, trazem a Educação Sexual como temática, não é verificado sua reflexão de forma aprofundada nos cursos de licenciatura e os conhecimentos teóricos estudados nos respectivos cursos, representando "uma teoria distante e desarticulada da prática pedagógica [...] a teoria que se estuda na faculdade é desvinculada da ação pedagógica posterior". (REIS; RIBEIRO, 2002, p. 89-90).

Esta desvinculação entre teoria e prática na temática de Educação Sexual traz certo incômodo e insegurança aos professores para falarem do tema com seus alunos, devida a própria educação que tiveram referente à sexualidade. Sobre este aspecto é importante que:

A formação do educador tem de ser considerada não apenas quanto à produção teórico-científica que embasa o conhecimento sobre a criança, mas também quanto ao seu autoconhecimento. O preparo dos educadores implica o despertar de suas potencialidades, favorecendo a expressão de sua criatividade, de sua sensibilidade. [...] nesse movimento da transformação social, necessitam de espaço para processar, entender, tomar consciência da mudança, da diversidade, da multidimensionalidade que estão implícitas no processo de educar (CAMARGO E RIBEIRO, 2000, p. 51).

É por isso que Sayão, (1997b, p. 115) reforça:

O trabalho em Orientação Sexual deve ser iniciado com o profissional que se sentir disponível para tal, requisito necessário, mas não suficiente. Não há necessidade de habilitação desse profissional na área biológica, uma vez que o fundamental é a postura do professor, sua capacidade de reconhecer como legítimas as questões dos alunos, acolhendo-as com respeito. É claro que serão necessários conhecimentos de anatomia do corpo humano, mas nada tão profundo e detalhado que não possa ser assimilado por um professor de outra área por meio de estudo e/ou pesquisa.

Ainda considerando o aspecto da formação de professores, estudos realizados na área indicam a preocupação tanto com a formação inicial como a continuada no aspecto formativo do saber docente e do saber fazer dos professores. Como a educação está diretamente ligada à

evolução da sociedade, sofrendo modificações de acordo com cada época, a formação de professores deve estar acompanhada das variações nas mudanças de interesse da sociedade.

Uma alternativa presente na sociedade atual é o movimento CTSA, que tem sua inserção no Brasil por volta de 1970 e já traz diversos adeptos. Essa perspectiva defende a introdução de questões sociocientíficas dentro das salas de aula como integrante do conteúdo curricular e que envolvam as visões científicas, tecnológicas, sociais e ambientais na discussão da aplicação do processo. Desta maneira, implica em criar uma visão crítica do aluno sobre tal processo, proporcionando um posicionamento argumentado e embasado.

Mesmo reconhecendo as dificuldades é importante trabalhar a questão de sexualidade com os alunos dentro do contexto social as quais pertencem, pois muitos não têm esta orientação em suas casas e os pais sentem-se desconfortáveis em conversar sobre sexo com seus filhos, o mesmo ocorre com muitos professores, alguns em início de carreira de falar sobre a conversa educativa envolvendo sexo, pois segundo Reis e Ribeiro (2002, p. 94), “temos que levar em consideração a falta de embasamento teórico-prático e a indisponibilidade dos professores para lidarem com questões sexuais, particularmente o fato de sentir-se pouco à vontade “para falar de sexo””.

Esse conflito retoma a ideia de inserção do movimento CTSA dentro das escolas. Ele promove exatamente essa avaliação, questionamento e procura resultar em um posicionamento. O processo de estruturação do movimento CTSA se deu principalmente da observação de alguns processos científicos com grandes consequências sociais e de certa forma humanísticas. Uma das obras que deram um marco ao movimento, segundo Linsingen (2007), foi o livro de Thomas Kuhn com o nome de “A estrutura das revoluções científicas”, esse discute a importância da dimensão social da evolução da ciência e a consciência filosófica disso. Percebemos então a preocupação desde o início do movimento com os valores humanos e sociais ligados ao avanço desenfreado da ciência.

Porém, devemos salientar também o problema da formação de professores, que também não conseguem associar essa visão humanística, citada anteriormente, ao processo científico e tecnológico, não conseguindo desvincular do currículo já estabelecido para as escolas. Além disso, ele não consegue ligar o progresso científico às consequências ambientais e sociais, devido a sua formação associada em grande parte apenas ao conteúdo específico da área.

Desta forma, durante a disciplina de Estágio em Ciências I foi possível fazer a observação do comportamento dos alunos e dos dilemas e dúvidas em sala de aula quanto ao

tema sexualidade e DST's. Cada sala de aula perpassa por uma característica distinta. Desse modo, se faz necessário a realização de um projeto de observação que esteja de acordo com a realidade individual de cada classe, o que Estrela, (1994) chama de observação naturalista, sendo que “a observação do professor é o seu principal meio – se não o único – de conhecimento do aluno, meio esse que deverá ser a principal fonte de regulação da atividade do professor e dos alunos, constituindo a base da avaliação de diagnóstico e formação” (ESTRELA, 1994, p. 57).

Sendo assim, o projeto de observação de classes é de extrema importância para que o professor tenha conhecimento das necessidades dos seus alunos e assim possa nortear seu trabalho pedagógico. Os resultados serviram como base para uma reflexão sobre a necessidade de um ensino mais estruturado e embasado no cotidiano do aluno.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada em uma Escola Estadual localizada na cidade de Rio Claro – SP e serviu como avaliação para a disciplina de Estágio Supervisionado em Ciências I. Durante as observações foram anotados no diário de campo alguns pontos relevantes sobre os temas envolvendo a sexualidade e a reprodução humana que foram trabalhados em sala de aula pela professora, assim como, alguns comportamentos e questões formuladas pelos alunos.

Em um segundo momento do estágio a professora solicitou que fossem separados meninos e meninas para abordar doenças sexualmente transmissíveis. Para isso, ela solicitou que eu permanecesse com os meninos e ela com as meninas. De fato, foram colocadas diversas questões pelos meninos e respondidas por mim. Por fim, foi realizada uma entrevista com a professora sobre o porquê da separação entre os sexos para a aula.

Para uma análise mais detalhada, foi realizada uma entrevista não estruturada, de forma livre e individual, com apenas uma pergunta que pudesse demonstrar qual a conclusão que a professora tinha sobre a divisão dos alunos para se tratar de um tema de relevante importância.

Todas as respostas foram registradas por mim partindo dos comentários realizados pela professora. A análise foi feita usando como base a teoria de análise de conteúdo de Bardin (1977), obedecendo ao passo que caracterizam as categorias que são homogêneas, exaustivas, exclusivas, objetivas, adequadas e foram categorizadas observando quais os pontos mais pertinentes.

Segundo Bardin, a análise de conteúdo pode ser definida como:

Um conjunto de técnicas de análises das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção / recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 1977, p. 42).

As possibilidades de análise de conteúdo vão além dos significados, da leitura simples do real; todo conhecimento de mundo é utilizado: entrevistas, notícias, depoimentos, livros, textos, panfletos, imagens, filmes, desenhos, pinturas, cartazes, gestos, posturas, comportamentos e expressões culturais. De forma geral, a autora aponta para duas finalidades:

- A **ultrapassagem da incerteza**: o que eu julgo ver na mensagem estará lá efectivamente contido, podendo esta <visão> muito pessoal, ser partilhada por outros? Por outras palavras, será a minha leitura válida e generalizável?
- e o **enriquecimento** da leitura: Se um olhar imediato, espontâneo, é já fecundo, não poderá uma leitura atenta, aumentar a produtividade e a pertinência? Pela descoberta de conteúdos e de estruturas que confirmam (ou infirmam) o que se procura demonstrar a propósito das mensagens, ou pelo esclarecimento de elementos de significações susceptíveis de conduzir a uma descrição de mecanismos de que a **priori** não detínhamos a compreensão (BARDIN, 1977, p. 29).

Dessa forma, primeiramente busca-se transcender o significado que a mensagem realmente quer dizer, de acordo com a leitura realizada e posteriormente o desenvolvimento e a compreensão detalhada da leitura da mensagem recebida e codificada. Assim sendo, a autora explica o conceito de inferência e os procedimentos de análise de forma análoga a um arqueólogo, que manipula os sinais deixados por outros anteriormente e os transforma em evidências por técnicas complexas.

Se a descrição (a enumeração das características do texto, resumida após tratamento) é a primeira etapa necessária e se a interpretação (a significação concedida a essas características) é a última fase, a inferência é o procedimento intermediário, que vem permitir a passagem, explícita e controlada, de uma à outra (BARDIN, 1977, p.39).

A análise de conteúdo se organiza em três momentos, Bardin (1977, p. 95):

1. **Pré-análise**: Organização do material a ser analisado. Formulação de hipóteses ou questões norteadoras, partindo de uma “leitura flutuante”, de acordo com Bardin.
2. **Exploração do material**: Etapa da realização das decisões tomadas na pré-análise. É o momento do recorte do tema a ser trabalhado.
3. **Tratamento dos Resultados**: Interpretação de dados que levam às inferências no sentido de buscar o que se esconde sob a aparente realidade.

Sendo assim, é possível concluir que Bardin (1977) nos aponta que a análise de conteúdo nos possibilita uma leitura aprofundada, que vai além de uma leitura aparente. Cabe

ao analista investigar a linguagem oculta presente no material a ser analisado. É preciso ir além das palavras, é preciso investigar o pensamento, ir além do óbvio.

CATEGORIAS

Na entrevista com a professora da turma foi proferida por mim a seguinte pergunta:

“Porque a senhora resolveu separar os meninos e as meninas para a abordagem da temática Educação Sexual e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis?”

As categorias e subcategorias criadas possibilitam visualizar que o processo científico ao tema da pesquisa está presente integralmente no cotidiano da Escola. Além de apresentar-se na vida dos alunos, o relato da professora ilustra que também faz parte do seu cotidiano. As observações juntamente com as discussões teóricas, proporcionam uma reflexão de como deve se estabelecer o ensino de tal temática na sociedade atual.

O áudio da gravação da entrevista e a sua transcrição a seguir deixa explícitas as categorias que devem ser estabelecidas.

“Eu resolvi separar os meninos e as meninas porque eu acho que os meninos vão ficar mais a vontade com você pra perguntarem pra você tudo que é a respeito de sexo... de relação sexual de... e... doenças sexualmente transmissíveis e porque eu acho que se eu deixar os meninos e as meninas juntos eles vão ficar mais inibidos, muito com vergonha de tá perguntando pra mim então eu acho que eles vão ficar... é... não vão tá aprendendo o que deveriam aprender né acho que você sendo homem eles vão se é... soltar mais e perguntar mais né eu sempre fiz isso e com as outras turmas sempre fiz isso então sempre deu certo”.

CATEGORIA GÊNEROS

Esta categoria ilustra as falas e as justificativas de separar meninos e meninas. Estes dizeres foram mencionados anteriormente quando se relaciona com o direito ao prazer e ao exercício da sexualidade com responsabilidade. Englobam as relações de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro.

Separação de gêneros – subcategoria

- *“Eu resolvi separar os meninos e as meninas porque eu acho que os meninos vão ficar mais a vontade com você (...)”.*
- *“(...) se eu deixar os meninos e as meninas juntos eles vão ficar mais inibidos (...)”.*
- *“(...) você sendo homem eles vão se (...)”.*

- *“(...) com você pra perguntarem pra você tudo que é a respeito de sexo... de relação sexual de... e... doenças sexualmente transmissíveis (...)”.*

CATEGORIA INCERTEZA

Demonstração de dúvida – subcategoria

- *“(...) porque eu acho que os meninos vão ficar mais a vontade com você (...)”.*
- *“(...) porque eu acho que se eu deixar os meninos e as meninas juntos (...)”.*
- *“(...) então eu acho que eles vão ficar... (pausa) é... (pausa)(...)”.*
- *“(...) acho que você sendo homem eles vão se (...)”.*

CATEGORIA PREOCUPAÇÃO

Nesta categoria, observa-se uma preocupação da professora com o aprendizado de seus alunos e também com o estagiário. Esta observação retrata bem o contexto teórico descrito anteriormente quando o professor não precisa ser um especialista em Educação Sexual, mas apenas um profissional devidamente informado sobre a sexualidade humana que reflita sobre ela, sendo capaz de criar contextos pedagógicos adequados.

Insegurança da professora – subcategoria

- *“(...) não vão tá aprendendo o que deveriam aprender né (...)”.*
- *“(...) eu acho que os meninos vão ficar mais a vontade com você pra perguntarem pra você tudo que é a respeito de sexo... de relação sexual de... e... doenças sexualmente transmissíveis (...)”.*

CATEGORIA IMPOSIÇÃO

Esta categoria vem como resposta às observações realizada na discussão teórica sobre a falta de diálogo em que Paulo Freire expõe as diversas dificuldades de diálogos entre as pessoas, caracterizados pela falta de humildade.

Não planejamento – subcategoria

- *“(...) eu sempre fiz isso e com as outras turmas sempre fiz isso então sempre deu certo”.*
- *“Eu resolvi separar os meninos e as meninas (...)”.*

CONCLUSÃO

Com o tema sexualidade, torna-se necessário o conhecimento, o aprendizado e a convivência com as limitações e potencialidades, para poder ampliar o conhecimento. A sexualidade é um tema que deve ser abordado nas escolas por meio de um trabalho que priorize e garanta espaços de discussão e reflexão.

Não podemos nos limitar nas informações, é preciso que os jovens e adolescentes participem de debates voltados para um processo de construção de conhecimentos e que esses debates não possam ter um fim, quando a aula se encerra. É preciso que seja algo contínuo, a qualquer momento da vida escolar desse aluno, desde que seja planejado com clareza. Para tanto, alguns caminhos foram traçados nessa investigação, por meio do desenvolvimento do trabalho sobre prevenção e sexualidade, na educação, que vai ao encontro das necessidades da unidade escolar de forma a ampliar e diversificar a metodologia com esse tema.

Por outro lado, para que haja uma forma mais adequada de lidar com o tema proposto nos ambientes educacionais, o movimento CTSA, aliado com as ideias de Investigação Temática de Paulo Freire, são as propostas trazidas para realizar uma Alfabetização Científica adequada para o aluno e para o professor dentro da universidade e também através da formação continuada, promovendo um ambiente mais argumentativo que trará a posição de analista para a realidade do aluno.

Esse método pode melhorar a relação do aluno com a ciência e sexualidade e, além disso, pode ser a resposta para o comportamento controverso tanto do professor quanto do aluno que não se fará sem a análise embasada em conteúdos. Outro ponto importante refere-se ao processo de formação do professor. É preciso ter clareza nas ações e essas devem estar no seu plano de ação, pois a aula não pode ser pautada em improvisos.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Ed.70 LTDA, 225p., 1977.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MECSEF, 1998.

ESTRELA, A. (1994). **Teoria e prática de observação de classes - Uma estratégia de Formação de Professores**. (4ª ed). Porto: Porto Editora.

FELIPE, J.; GUIZZO, B. S. Entre batons, esmaltes e fantasias. In: MEYER, D.; SOARES, R. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 31-40.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 46 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. 158p.

CANO, Maria Aparecida Tedeschi et al. **Sexualidade na adolescência**: um estudo bibliográfico. Rev. Latino-Am. Enfermagem, v. 8, n. 2, p. 18-24, 2000.

CASTRO, Mary Garcia, ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena Bernardete da. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: Unesco, 2004.

LINSIGEN, I. V. **CTS na Educação tecnológica**: tensões e desafios. In: CONGRESSO IBEROAMERICANO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, SOCIEDAD E INNOVACIÓN CTS+I, 1., 2006, Cidade do México. **Anais...**Cidade do México: Palácio de Minéria, 2006. p.1-13.

MOIZÉS, J.S.; BUENO, S.M.V. **Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental**. Revista Escola de Enfermagem USP, v.44, n. 1, p. 205-212, 2010.

REIS, G. V.; RIBEIRO, P. R. M. A orientação sexual na escola e os parâmetros curriculares nacionais. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e educação sexual**: apontamentos para uma reflexão. Araraquara: FCL/ Laboratório editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2002. p. 81-96.

SAYÃO, Y. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997b. p. 87-95.